

Desastres Íntimos, de Cristina Peri Rossi

Gabriela B. Teles (USP)

A garrafa de alvejante não abriu. Patrícia se sentiu frustrada e depois irritada. “Nova tampa, mais segura”, dizia o rótulo da embalagem. Tinha feito compras no sábado, como todos os sábados, em um grande supermercado, cheio de latas de cerveja e conservas, macarrão e sabão em pó. A marca do alvejante era a mesma e, ao pegá-la da estante, não percebeu o novo sistema da tampa. “Agora, maior comodidade”, dizia o rótulo, e a explicação pareceu-lhe sarcástica. Eram 6h45 da manhã; tinha que dar mamadeira para seu filho, vesti-lo, colocar seus brinquedos e fraldas na bolsa, descer para a garagem, ligar o carro e apressar-se para chegar na creche antes que começasse o trânsito e ela se atrasasse para o trabalho. Artérias, eram chamadas as ruas; com o uso, umas e outras entupiam: o colapso era certo.

Depois de deixar o Andrés na creche, tinha quinze minutos para atravessar a avenida, dirigir até o estacionamento do escritório e subir o elevador, andar vinte e dois, Gálvez y Mautone Importação e Exportação Ltda. Devia tentar abrir a tampa. Precisava se acalmar e estudar as instruções do rótulo. De fato: no meio da garrafa havia um desenho e, abaixo, umas letrinhas pequenas. O desenho mostrava a tampa (“Novo desenho, maior comodidade”) e uns dedos finos de mulher, com unhas bem compridas. O texto dizia: PARA ABRIR A TAMPA, APERTE AS PARTES LISTRADAS. Olhou para o relógio no seu pulso. Faltava pouco para as sete. Impaciente, pensou que não tinha tempo para procurar as partes listradas da tampa, como nenhum de seus amantes tivera tempo de procurar suas zonas erógenas. A vida se tornara muito urgente: o tempo se tornara escasso. Ainda assim, conseguiu descobrir uns encaixes, que era o máximo que seus amantes tinham descoberto nela. Segundo as instruções da garrafa, agora ela devia pressionar com os dedos para desrosquear a tampa. Um de seus estúpidos ex-amantes também pensava que tudo era uma questão de pressionar. Fez o movimento indicado pelo

desenho, mas a tampa não se mexeu. AGORA LEVANTE A COBERTURA SUPERIOR, dizia o texto. Quando seria “agora”? Outro de seus amantes também tinha fingido que a ouvira dizer “agora” um pouco antes do momento culminante. Pareceu-lhe completamente ridículo. Como ensinar uma criança a atravessar a rua, ou a um cachorrinho quando fazer xixi. Mesmo assim, os assessores de marketing da empresa em que ela trabalhava costumavam dizer que os consumidores deveriam ser tratados como se fossem crianças: explicando-lhes até o mais óbvio. Ela era uma criança? O fato de a tampa da maldita garrafa não abrir significava que algo fracassara em seu sistema de aprendizagem? Teriam os empresários da marca de alvejante projetado a nova tampa para mulheres-crianças que criavam filhos-crianças, que por sua vez formariam novos consumidores-crianças até o fim dos tempos? Tinha algo errado no desenho? Ou era nela? Porque a garrafa ainda estava fechada. E já estava ficando muito tarde. “Acalme-se”, pensou. O nervosismo não leva a lugar algum. Desde que Andrés nasceu (fazia dois anos), sua vida estava rigorosamente planejada. Levantava-se às seis da manhã, tomava banho, comia café da manhã com cereais e vitamina C, se vestia (a aparência era muito importante em um trabalho como o seu) e então levava Andrés à creche. Dali, ia o mais rápido possível até seu trabalho. No trabalho, até as cinco da tarde, voltava a ser uma mulher independente e só, uma mulher sem filho, uma funcionária eficiente e responsável. À empresa não interessavam os problemas domésticos que ela pudesse ter. Mais ainda: Patrícia tinha a impressão de que, para os chefes na empresa, a vida doméstica não existia. Ou então, eles acreditavam que apenas os que fracassavam tinham vida doméstica.

Quando saía do escritório buscava Andrés. Ele sempre estava cansado e meio sonolento, então ela dirigia de volta para casa, na mesma hora em que, na cidade, milhares e milhares de homens e de mulheres, desprovidos de vida doméstica até as seis da tarde, também dirigiam seus carros de volta, formando grandes engarrafamentos. Depois, precisava dar comida a seu filho, dar-lhe um banho, colocá-lo para dormir e organizar um pouco a casa. Sobrava muito pouco tempo para relações pessoais. (Nessa categoria, Patrícia incluía as conversas que tinha por telefone com o pai do Andrés, ou com a ginecologista que controlava suas menstruações e hormônios. Às vezes, também ligava para um ex-amigo ou ex-amante: ela nem sempre se lembrava se era um ou outro e, depois da árdua jornada de trabalho, isso já não tinha muita importância). Aos sábados, ia a um grande supermercado e fazia as compras da semana inteira. Aos domingos, levava o Andrés ao parque ou ao zoológico. Mas o único parque da cidade estava muito contaminado e, quanto ao zoológico, a prefeitura tinha vendido ou arrendado muitos de seus animais, pois era impossível mantê-los com o escasso orçamento

disponível. Se o tempo não estivesse bom, Patrícia ia visitar alguma amiga que também tivesse filhos pequenos. Patrícia já tinha entendido que as mulheres com filhos e as mulheres sem filhos constituíam duas classes perfeitamente distintas, incomunicáveis e separadas entre si. Até seus trinta e dois anos, ela pertencera à segunda, mas, desde que colocara Andrés no mundo (de forma premeditada, que fique claro), pertencia à primeira classe: mulheres com filhos, subcategoria mães solteiras. Nesse rigoroso plano de vida, não cabiam falhas nem improvisação. Não cabia, por exemplo, uma maldita tampa impossível de abrir.

“Acalme-se”, Patrícia voltou a dizer. Podia ficar sem o alvejante, mas, ao fazer isso, se sentia insegura, humilhada. Se não podia abrir uma simples tampa de alvejante, como faria outras coisas? Antes de lançarem a nova embalagem no mercado, os fabricantes deviam ter realizado todos os testes pertinentes. Um elemento doméstico de uso tão vasto se destina a um público geral e indiferenciado; os fabricantes optam por sistemas fáceis e simples, de compreensão básica, ao alcance de qualquer um, por mais ignorante que seja. Mas ela, Patrícia Suárez, trinta e três anos, bacharel em Administração de Empresas e empregada da Gálvez y Mautone Importação e Exportação Ltda., mãe solteira, mulher atraente, eficiente e independente, não era capaz de abrir a tampa. Teve vontade de chorar. Por culpa da tampa, estava atrasada; além disso, estava irritada, não sabia que roupa vestir e com certeza chegaria atrasada no trabalho. E estava horrível. No seu trabalho, a aparência era muito importante. A aparência: que conceito mais confuso. Não havia tempo para conhecer nada, nem ninguém; era necessário guiar-se pelas aparências, tudo era uma questão de imagem. Contaria a seu psicanalista sobre o incidente com a tampa. Quando não se tem um bom amante, é preciso ter um bom psicanalista. Assim como um bom advogado, ou um bom dentista. Por questões de higiene, como a limpeza da pele, do cabelo ou da mente. Já ia ao psicanalista antes de o Andrés nascer. Na verdade, ela discutiu consigo mesma a decisão de ter um filho ante o ouvido equânime ou indiferente – Patrícia não sabia qual – do psicanalista. “Seja qual for sua decisão – ele dissera –, estarei de acordo.” Patrícia pensou que teria gostado que um homem – não o psicanalista – tivesse dito o mesmo. Mas isso não aconteceu. O pai de Andrés não queria ter filhos e, quando soube da gravidez de Patrícia, se sentiu enganado, de forma que aceitou – ainda contra sua vontade – que a sua paternidade se limitaria ao registro da criança no Cartório. Ele não queria filhos e Patrícia não queria um marido; às vezes é mais fácil saber o que não queremos. Enquanto tentava abrir a tampa, Patrícia pensou que a relação mais estável de sua vida era com o psicanalista. Percebeu que os psicanalistas homens eram como bodes: gostavam de ter uma manada de mulheres dependentes, submissas, frustradas, que trabalhassem para ele e o consultassem

sobre tudo, como se ele fosse o grande macho, o macho Alfa, o patriarca, a autoridade suprema, Deus. Certamente, se contasse ao psicanalista sobre a resistência da tampa do alvejante, ele lhe pediria que analisasse os possíveis significados da palavra tampa. Ela diria que, quando via a tampa de uma garrafa (especialmente se fosse a rolha de uma garrafa de vinho ou de champanhe), pensava em Antônio, o pai de Andrés, por causa de seu aspecto atarracado. Depois, acrescentaria que sempre gostava dos homens feios, talvez porque com eles se sentisse mais segura: pelo menos era superior em beleza.

O alvejante não abria. Eram sete e meia, ainda não tinha acordado o Andrés e não tinha decidido que roupa vestiria. Pensou que poderia sair ao corredor e, com a garrafa de alvejante na mão, bater na porta de um vizinho, para que a abrisse. Como era bem cedo, a maioria dos homens do prédio estaria fazendo a barba para ir trabalhar e, apesar de a vida moderna impedir que os vizinhos de andar se conheçam e façam pequenos favores, como emprestar um pouco de farinha, uma xícara de leite ou o saca-rolhas, a visão de uma mulher fraca e indefesa, desconcertada ante uma embalagem com uma tampa impossível, afagaria o ego de qualquer macho do mundo. O vizinho, de calça de pijama e ainda fazendo a barba, sairia à porta e, com um só gesto, firme, seco, viril (como o golpe de uma espada), desvirginaria a garrafa, a degolaria. Devolveria a garrafa de alvejante desvirginada com um sorriso de presunção nos lábios e diria alguma frase galanteadora como: “Só precisava de um pouco de força” ou “Pode me chamar sempre que tiver um problema”: uma frase ambígua e autocomplacente que reforçasse sua superioridade masculina. Ela aceitaria com humildade, porque já era tarde e porque sua mãe sempre lhe dissera quão difícil era, para uma mulher, viver sozinha, sem um homem ao lado. Depois de ouvir muitas vezes (sua mãe ficou viúva muito jovem), Patrícia teve a sensação de que a dificuldade (essa sobre a qual sua mãe insistia repetidamente) era uma mistura confusa de tomadas quebradas, portas emperradas, medo à noite, solidão e impotência. Sentiu que a dificuldade estava secretamente relacionada à tampa. Na falta de um homem que consertasse as tomadas e abrisse as tampas rebeldes, Patrícia tinha considerado a possibilidade de contratar uma empregada doméstica. Mas não ganhava o suficiente nem para pagar o aluguel do apartamento, a creche do filho, a gasolina, a roupa adequada para seu trabalho – muito exigente –, o cabeleireiro e a sessão semanal com o psicanalista. O psicanalista era muito mais caro do que uma empregada, apesar de os dois fazerem uma limpeza. O psicanalista não só era o macho Alfa da manada: também era um limpador de chaminés. Então, enquanto lidava com a tampa, lembrou-se que meio-dia tinha um almoço de negócios com o diretor de uma fábrica de lingerie. Lingeries tinham entrado na moda nos últimos anos e, ao invés

de simplesmente fazer sexo, muitas pessoas preferiam deleitar-se com uma gama de cintas-ligas, calcinhas, sutiãs e *barnesses* que excitavam a imaginação. Não podia perder mais tempo. Tinha que acordar Andrés, dar banho nele, dar a mamadeira e vesti-lo. Olhou com hostilidade para a garrafa de alvejante, imaculada, de embalagem amarela e tampa azul, que se erguia, incólume, apesar de todos seus esforços. Não, não era que ela não fosse capaz: certamente se tratava de um erro de fabricação. A pessoa que projetou a tampa devia ser um homem. Um macho presunçoso, autossuficiente, seguro de si. Projetou uma tampa falha, uma tampa que as mãos de uma mulher não podiam abrir, pois ele, muito provavelmente, jamais tinha prestado atenção nas mãos de uma mulher, em sua fragilidade, em sua delicadeza. A nova engenhoca tinha substituído a anterior, e agora, neste exato momento, em Barcelona, em Nova York, em Los Angeles e em Buenos Aires (o alvejante era de uma importante multinacional), milhares de mulheres lutavam para desrosquear a tampa, enquanto Andrés começava a chorar, com certeza tinha acordado com fome e inquieto, seu relógio biológico apresentava pedidos urgentes, indicava que algo não estava bem, houvera um acidente, um defeito, mamãe a doadora, mamãe o seio bom não vinha alimentá-lo, não o limpava, não o vestia. Andrés começara a chorar assim como ela estava prestes a chorar. Estava ficando tarde, o menino tinha fome, ela se atrasava e seu chefe não aceitava explicações, não tinha vida doméstica, como todos os chefes, por isso não tinha alvejante, nem tampas: seu chefe era um homem soberbo sem roupas para lavar nem ternos para limpar; as cuecas usadas, jogava todas elas no lixo; comia em restaurantes e não tinha filhos. De manhã, Andrés só tomava leite se fosse na mamadeira. Devia ser um resquício da sua época de lactante. “Quando acordamos – pensou Patrícia –, quase todos somos bebês.” Mamadeira sim, xícara não. Cereais com mel sim, com açúcar não. Era assim: as crianças estavam cheias de desejos, algo a que os adultos não podiam se permitir. O desejo da garrafa de alvejante era permanecer fechada? “Não seja tonta, Patrícia – disse a si mesma –, os objetos não têm desejos.” Bom, se não era desejo da garrafa, era o desejo de quem inventou a tampa. Nenhuma mulher imaginaria que para abrir uma garrafa de alvejante precisasse usar a força. No fundo, o inventor tinha projetado a tampa perfeita: muda e silenciosa em sua opressão, incapaz de abrir-se, de soltar seu tesouro, como alguns himens complacentes. (Não se lembrava onde tinha lido isso, certamente em alguma revista, no dentista ou no cabeleireiro. Era o único momento que tinha para ler.) O inventor devia ser alguém que não gostava que as coisas fossem estupendas; achava que as coisas precisavam estar sempre contidas. Emperradas. Era possível que para ele a garrafa de alvejante fosse um símbolo fálico. Guardar o sêmen, não perdê-lo nem desperdiçá-lo inutilmente. Como

Antônio, que fazia amor sempre com camisinha, para evitar a paternidade. Ela podia jurar que, apesar disso, Antônio olhava com certa nostalgia para o líquido seminal que descartava na privada: talvez lamentasse o desperdício. O sêmen sempre tinha um pouco de cheiro de alvejante. E Andrés estava chorando. Patrícia tomaria uma decisão: abandonaria o frasco de alvejante com sua tampa hermética, indestrutível. Deixaria o frasco sobre a mesa, luzindo sua virgindade impenetrável e esqueceria o incidente. A última vez que tinha chorado por algo assim foi quando os canos entupiram. Ninguém tinha lhe ensinado o funcionamento dos canos, nem na escola nem na Faculdade de Administração de Empresas. E os canos do prédio onde morava entupiram quando ela não estava, traindo-a, enquanto estava no escritório. Ela voltara ingenuamente a seu lar, como todos os dias, sem saber que, ao abrir a torneira, os canos estourariam. Sem aviso prévio. Imediatamente, das entranhas do prédio, começaram a sair líquidos estranhos, fétidos, turbulentos e de cores sórdidas. Ela não entendia o que estava acontecendo. Tinha alugado o apartamento havia pouco tempo, e por um preço que jamais poderia ser considerado uma pechincha. E agora, do nada, parecia que o apartamento ruía, se liquefazia em substâncias repugnantes, como o quadro *Europa depois da chuva*, que tinha visto em uma exposição. Quis pedir ajuda por telefone, mas a voz automática de uma secretária eletrônica respondeu que, por um defeito nas linhas da região, sentimos muito, as comunicações telefônicas foram interrompidas. E a água avançava pelo chão. Começou a chorar, sem saber o que fazer. Então, apesar de ninguém esperar, apareceu Antônio, o pai de seu filho. Aparecia e desaparecia sem aviso, era uma forma de dominação, mas ela nunca o tinha censurado por isso. “Nem tudo pode ser dito”, apontou o psicanalista, certa vez, mas Patrícia pensava: que, com Antônio, *nada* pode ser dito. Era muito suscetível. Antônio entrou com sua chave (que nunca quis devolver: insistia que devia ter a chave da casa onde morava seu filho) e a viu chorando, no meio da sala, enquanto uma água escura, pegajosa, corria pelo chão e ameaçava molhar seus sapatos. Era um homem asseado, muito obsessivo com sua roupa, e não pôde evitar um gesto de contrariedade. Esse gesto fez crescer o choro de Patrícia. Na verdade, não deveria se importar nem um pouco com o fato de Antônio ter sujado seus sapatos e a barra da calça, mas se sentiu inexplicavelmente culpada e insegura, teve pena de si mesma e continuou chorando. Ele não disse nada (deu uma olhada atenta e completa que abrangeu toda a situação: os canos cheios, o chão alagado, o choro de Patrícia, sua culpa e impotência) e, depois de estudar o panorama, dirigiu-se rapidamente à cozinha, a um painel oculto entre o rodapé e a parede, dentro de uma caixa, e com uns poucos passos enérgicos, inconfundivelmente masculinos, suspendeu o jato de água. Patrícia

parou de chorar, surpresa. O funcionário que fez as instalações quando ela se mudou para esse apartamento tinha lhe falado para não tocar nessas chaves por motivo nenhum no mundo, e ela tinha acatado a ordem tão rigorosamente que as esqueceu por completo.

Assim que cessou o jato de água, Antônio ligou para o porteiro pelo interfone do prédio (que agora estava funcionando) e pagou-lhe para que secasse a água que inundava o apartamento. Os homens eram muito eficientes. Satisfeito consigo mesmo, sentiu-se generoso e convidou-a para tomar um refrigerante, com o filho, no bar da esquina, enquanto o porteiro secava a água do chão. Não falaram sobre nada, mas ele lhe deu um conselho. Disse-lhe: “Você não deve chorar porque um cano quebrou.” Então Patrícia, com muita tranquilidade, de maneira muito serena, atirou o refrigerante na sua cara, com seu conteúdo líquido e bolhinhas de laranja. O líquido manchou a gola do seu terno claro, novo, que ele estava estreando.

Agora estava chorando outra vez, mas não tinha em quem jogar a garrafa de alvejante. Com lágrimas nos olhos, começou a vestir seu filho.

– Não pense que estou chorando só porque a tampa da garrafa de alvejante não quer abrir – explicou-lhe, como se estivesse pensando em voz alta –, mas sim pela suspeita que isso me trouxe. A princípio, é verdade, pensei que se tratasse de um fracasso pessoal. Pensei que era eu, que eu não conseguia. Mas não se trata de mim, e sim da tampa. Fabricaram uma nova embalagem com defeito, colocaram as garrafas nas estantes e nós, inocentes, as compramos. Por causa disso, já é tarde, chegaremos atrasados na creche e no meu trabalho. Não poderei dizer a meu chefe uma coisa tão simples como que a tampa do alvejante não abria. Ele é um homem muito eficiente, muito importante: não possui vida doméstica. Apenas lhe interessam as cotações da Bolsa e as guerras de mercados, as especulações financeiras e as campanhas publicitárias. Poderei dizer, no máximo, que me atrasei por causa de um congestionamento. Congestionamentos, meu filho, são muito respeitáveis. São mais respeitáveis do que uma dor de cabeça, a doença de um parente ou a ruptura de um cano. E você – continuou Patrícia, dirigindo-se ao filho, mas como se estivesse falando consigo mesma – não chorou apenas porque estava com fome. Chorou porque a tampa do alvejante não abria, eu estava nervosa e duvidei de mim mesma.

Essa tarde, enquanto dirigia até o consultório do psicanalista (tudo tinha saído relativamente bem, apesar do atraso), pensou que as lágrimas das mulheres amontoadas pela cidade eram um rio branco, ardente, um rio de lava, um rio impensável que circulava pelas entranhas escuras, um rio sem nome, que não aparecia nos mapas.

– A tampa do alvejante não abriu – Patrícia disse ao psicanalista, assim que começou a sessão – e eu não estou disposta a perder meu tempo com interpretações. É fato: o novo sistema de rosquear dessa marca não funciona. Liguei para a distribuidora do produto. Tinha recebido inúmeras reclamações. A tampa foi projetada por um engenheiro industrial ávido pelo sucesso, imagino, forte, seguro de si mesmo, mas foi um fracasso. Vão retirar as embalagens de circulação. E quanto a mim- afirmou Patrícia, decidida – vou pedir uma indenização.

– À fábrica do produto? – perguntou, surpreendido, o psicanalista.

– Ao pai de Andrés, claro – respondeu Patrícia –. Não assume nenhuma despesa. Como se o menino não lhe dissesse respeito.

Quando chegou em casa, Patrícia foi diretamente para a cozinha. Procurou uma faca com ponta afiada e, sem titubear, perfurou a tampa. Perfurou-a bem no centro com uma ferida limpa e perfeita. A garrafa perdeu toda sua virilidade.

*

Desastres Íntimos

La botella de lejía no se abrió. Patricia se sintió frustrada y, luego, irritada. *Nuevo tapón, más seguro*, decía la etiqueta del envase. El sábado había hecho las compras, como todos los sábados, en un gran supermercado, lleno de latas de cerveza, conservas, fideos y polvos de lavar. La marca de lejía era la misma y, al cogerla del estante, no advirtió el nuevo sistema de tapón. *Ahora, mayor comodidad*, decía la etiqueta, y la leyenda le pareció un sarcasmo. Eran las siete menos cuarto de la mañana; tenía que darle el biberón a su hijo, vestirlo, colocar sus juguetes y pañales en el bolso, bajar al garaje, encender el auto y apresurarse para llegar a la guardería, antes de que las calles estuvieran atascadas y se le hiciera tarde para el trabajo. Arterias, llamaban a las calles; con el uso, unas y otras se atascaban: el colapso era seguro.

Después de dejar a Andrés en la guardería le quedaban quince minutos para atravesar la avenida, conducir hasta el aparcamiento de la oficina y subir en el ascensor, planta veintidós, Importación y Exportación, Gálvez y Mautone, S.A. Debía intentar abrir el tapón. Tenía que serenarse y estudiar las instrucciones de la etiqueta. En efecto: en el vientre de la botella había un dibujo y, debajo, unas letras pequeñas. El dibujo representaba el tapón (*Nuevo diseño, mayor comodidad*) y unos delgados dedos e mujer, con las uñas muy largas. El texto decía: PARA

ABRIR EL TAPÓN APRIETE EN LAS ZONAS RAYADAS. Miró el reloj en su muñeca. Faltaba poco para las siete. Nerviosamente, pensó que no tenía tiempo para buscar las zonas rayadas del tapón, como ninguno de sus amantes había tenido tiempo para buscar sus zonas erógenas. La vida se había vuelto muy urgente: el tiempo escaseaba. Aún así, alcanzó a descubrir unas muescas, que era lo máximo que sus amantes habían descubierto en ella. Según las instrucciones de la botella, ahora debía presionar con los dedos para desenroscar el tapón. Alguno de sus estúpidos ex-amantes también había creído que todo era cuestión de presionar. Efectuó el movimiento indicado por el dibujo, pero la rosca no se movió. AHORA, LEVANTE LA TAPA SUPERIOR, decía el texto. ¿Cuándo era «ahora»? Uno de sus amantes había pretendido, también, que ella dijera «ahora», un poco antes del momento culminante. Le pareció completamente ridículo. Como a un niño que se le enseña a cruzar la calle, o a un perrito cuando debe orinar. Sin embargo, los asesores de publicidad de la empresa donde ella trabajaba solían decir que había que tratar a los consumidores como si fueran niños: explicarles hasta lo más obvio. ¿Ella era una niña? ¿Qué el tapón de la maldita botella no se abriera significaba que algo había fracasado en su sistema de aprendizaje? ¿Los empresarios de la marca de lejía habían diseñado un nuevo tapón para mujeres-niñas que criaban hijos-niños, que a su vez engendrarían nuevos consumidores-niños hasta el fin de los siglos? Algo había fallado en el diseño. O era ella. Porque la tapa no se había abierto. Y se estaba haciendo demasiado tarde. «Serénate», pensó. Los nervios no conducían a ninguna parte. Desde que Andrés había nacido (hacía dos años), su vida estaba rigurosamente programada. Se levantaba a las seis de la mañana, se duchaba, tomaba su desayuno con cereales y vitamina C, se vestía (el aspecto era muy importante en un trabajo como el suyo) y, luego, llevaba a Andrés a la guardería. De allí, lo más rápidamente posible, hasta su trabajo. En el trabajo, hasta las cinco de la tarde, volvía a ser una mujer independiente y sola, una mujer sin hijo, una empleada eficiente y responsable. A la empresa no le interesaban los problemas domésticos que pudiera tener. Es más: Patricia tenía la impresión de que, para lo jefes de la empresa, la vida doméstica no existía. O creían que sólo la gente que fracasaba tenía vida doméstica.

A la salida de la oficina, iba a buscar a Andrés. Lo encontraba siempre cansado y medio dormido, de modo que conducía de vuelta a su casa, a la misma hora que, en la ciudad, miles y miles de hombres y de mujeres que habían carecido de vida doméstica hasta las seis de la tarde también conducían sus autos de regreso, formando grandes atascos. Después, tenía que dar de comer al niño, bañarlo, acostarlo y ordenar un poco la casa. Le quedaba muy poco tiempo para

las relaciones personales. (Bajo este acápite, Patricia englobaba las conversaciones telefónicas con el padre de Andrés, o con la ginecóloga que controlaba sus menstruaciones y hormonas. Alguna vez, también, llamaba por teléfono a un ex—amigo o ex—amante: no siempre se acordaba de si alguna vez fueron lo uno o lo otro, y a las once de la noche, luego de una jornada dura de trabajo, la cosa no revestía mayor importancia.) los sábados iba a un gran supermercado y hacía las compras para toda la semana. Los domingos llevaba a Andrés al parque o al zoo. Pero el único parque de la ciudad estaba muy contaminado, y en cuanto al zoológico, el ayuntamiento había puesto en venta o en alquiler a muchos de sus animales, ante la imposibilidad de mantenerlos con el escaso presupuesto del que disponía. Si el tiempo no era bueno, Patricia iba a visitar a alguna amiga que también tuviera hijos pequeños: Patricia había comprendido que las mujeres con hijos y las mujeres sin hijos constituían dos clases perfectamente diferenciadas, comunicables y separadas entre sí. Hasta los treinta y dos años, ella había pertenecido a la segunda, pero desde que había puesto a Andrés en el mundo (con premeditación, todo sea dicho), pertenecía a la primera clase, mujeres con hijos, subcategoría de madres solteras. En este riguroso plan de vida, no cabían los fallos ni la improvisación. No cabía, por ejemplo, un maldito tapón que no pudiera abrirse.

«Serénate», volvió a decirse Patricia. Podía prescindir de la lejía, pero, al hacerlo, se sentía insegura, humillada. Si no podía abrir un simple tapón de lejía, ¿cómo iba a hacer otras cosas? Los fabricantes, antes de lanzar el nuevo envase al mercado, debían haber realizado todas las pruebas pertinentes. Un elemento doméstico de uso tan extendido está dirigido a un público general e indiferenciado; los fabricantes optan por sistemas fáciles y sencillos, de comprensión elemental, al alcance de cualquiera, aun de las personas más ignorantes. Pero ella, Patricia Suárez, treinta y tres años, licenciada en Ciencias Empresariales y empleada en Gálvez y Mautone, Importación y Exportación, madre soltera, mujer atractiva, eficiente y autónoma, no era capaz de abrir el tapón. Tuvo deseos de llorar. Por culpa del tapón se estaba retrasando; además, estaba nerviosa, no sabía qué ropa ponerse y seguramente llegaría tarde al trabajo. Y tendría un aspecto horroroso. En su trabajo la apariencia era muy importante. La *aparíencia*: qué concepto más confuso. No había tiempo para conocer nada, ni a nadie: había que guiarse por las apariencias, todo era cuestión de imagen. Iba a contarle a su psicoanalista el incidente del tapón. Cuando no se tiene un buen amante, es necesario tener un buen psicoanalista: igual que un buen abogado, o un buen dentista. Por cuestiones de higiene, como la limpieza del cutis, del cabello o de la mente. Iba al psicoanalista antes de que naciera Andrés. En realidad, la decisión de tener un hijo la discutió

consigo misma ante el oído ecuánime o indiferente —Patricia no lo sabía— del psicoanalista. «Sea cual sea su decisión —había dicho él—, yo estaré de acuerdo con usted.» Patricia pensó que le hubiera gustado que un hombre —no el psicoanalista— le hubiera ducho lo mismo. Pero no lo había tenido. El padre de Andrés no quería tener hijos, y cuando se enteró del embarazo de Patricia, se consideró engañado, de modo que aceptó —a regañadientes— que su paternidad se limitaría a la inscripción del niño en el Registro Civil. Él no quería hijos y Patricia no quería un marido: a veces es más fácil saber lo que no se quiere. Mientras intentaba abrir el tapón, Patricia pensó que la relación más estable de su vida era con el psicoanalista. Se le ocurrió que los psicoanalistas varones eran como machos cabríos: les gustaba tener una manada de mujeres dependientes, sumisas, frustradas, que trabajaban para él y lo consultaban acerca de todas las cosas, como si él fuera el gran macho Alfa, el patriarca, la autoridad suprema, Dios. Seguramente, si le contaba al psicoanalista la resistencia del tapón de lejía, él le iba a pedir que analizara los posibles significados de la palabra tapón. Ella diría que, cuando veía un tapón de botella (especialmente si se trataba del corcho de una botella de vino o de champán), pensaba en Antonio, el padre de Andrés, por su aspecto retacón. Enseguida, agregaría que siempre le gustaban los hombres feos, quizás porque con ellos se sentía más segura: por lo menos, era superior en belleza.

La lejía no se abría. Eran las siete y media, aún no había despertado a Andrés y no había decidido qué ropa iba a ponerse. Se le ocurrió que podía salir al rellano y, con la botella de lejía en la mano, golpear la puerta de un vecino, para que la abriera. A esa hora temprana, la mayoría de los hombres del edificio estarían afeitándose para ir al trabajo, y aunque la vida moderna impide que los vecinos de una planta se conozcan y se hagan pequeños favores, como prestarse un poco de harina, una taza de leche o el descorchador, la visión de una débil y desprotegida mujer, desconcertada ante un envase de imposible tapón, halagaría la venidad de cualquier macho del mundo. El vecino, en pantalón de pijama y con la cara a medio afeitar, saldría a la puerta, y con un solo gesto, firme, seco, viril (como el tajo de una espada), desvirgaría la botella, la degollaría. Le devolvería la botella desvirgada con una sonrisa de suficiencia en los labios, y le diría alguna frase galante como: «Sólo se necesitaba un poco de fuerza» o «Llámeme cada vez que tenga un problema»: una frase ambigua y autocomplaciente, que reforzara su superioridad masculina. Ella lo aceptaría con humildad, porque era demasiado tarde y porque su madre siempre le había dicho lo difícil que era, para una mujer, vivir sola, sin un hombre al lado. Después de escucharla muchas veces (su madre enviudó muy joven), Patricia tuvo la sensación de que la dificultad (esa sobre la que su madre insistía repetidamente) era una confusa mezcla de enchu-

fes rotos, puertas encalladas, reparaciones domésticas, miedo nocturno, soledad e impotencia. Sintió que la dificultad tenía que ver oscuramente con el tapón. En ausencia de un hombre que arreglara los enchufes y abriera los tapones rebeldes, Patricia había considerado la posibilidad de tener una empleada doméstica. Pero no ganaba siquiera lo suficiente como para pagar el alquiler del apartamento, la guardería del niño, la gasolina, la ropa adecuada para su trabajo, muy exigente, la peluquería y la sesión semanal con el psicoanalista. El psicoanalista era mucho más caro que una empleada de servicio, aunque en ambos casos se trataba de limpiar. El psicoanalista no sólo era el macho Alfa de la manada: también era un deshollinador. Entonces, mientras lidiaba con el tapón, recordó que al mediodía tenía un almuerzo de negocios con el director de una fábrica de lencería femenina. La lencería femenina se había puesto de moda, en los últimos años, y, en lugar de un coito a pelo seco, muchas personas preferían deleitarse con una gama de ligueros, bragas, sujetadores y arneses que excitaban la imaginación. No podía perder más tiempo. Tenía que despertar a Andrés, lavarlo, darle el biberón y vestirlo. Miró con hostilidad la botella de lejía, impoluta, de envase amarillo y tapón azul, que se erguía, incólume, a pesar de todos sus esfuerzos. No, no era que ella no pudiera: seguramente, se trataba de un error de la fabricación. El que diseñó el tapón debía de ser un hombre. Un macho engréido, autosuficiente, seguro de sí mismo. Diseñó un tapón fallido, un tapón que las manos de una mujer no podían abrir, porque él, con toda probabilidad, jamás se había fijado en las manos de una mujer, en su fragilidad, en su delicadeza. El artilugio nuevo había sustituido al anterior, y ahora, en este mismo momento, en Barcelona, en Nueva York, en Los Ángeles y en Buenos Aires (la lejía era de una importante multinacional), miles de mujeres luchaban para desenroscar el tapón, mientras Andrés empezaba a llorar, seguramente se había despertado hambriento e inquieto, su reloj biológico tenía requerimientos imperiosos, le indicaba que algo no iba bien, había ocurrido un accidente, un desperfecto, mamá la dadora, mamá el pecho bueno no venía a alimentarlo, no lo mecía, no lo besaba, no lo limpiaba, no lo vestía. Andrés empezaba a llorar como estaba a punto de llorar ella. Se hacía tarde, el niño tenía hambre, ella se retrasaba y el jefe no admitía explicaciones, carecía de vida doméstica, como todos los jefes, por lo cual no tenía lejía, ni tapones: el jefe era un tipo soberbio sin ropa que lavar, ni trajes que limpiar, los calcetines usados los tiraba a la basura, comía en el restaurante y no tenía hijos. A la mañana, Andrés sólo bebía la leche si se la administraba con el biberón. Debía de ser un resabio su etapa de lactante. «Cuando nos despertamos —pensó Patricia—, casi todos somos bebés.» Biberón sí, taza no. Cereales con miel sí, son azúcar no. Era así: los niños estaban atravesados por el deseo, algo que los adul-

tos no se podían permitir. ¿El deseo de la botella de lejía era permanecer cerrada? «No seas tonta, Patricia —se dijo—, los objetos no tienen deseos.» Bien, si no era el caso de la botella, debía ser el deseo del que inventó el tapón. A ninguna mujer se le ocurriría que para abrir una botella de lejía era necesario emplear la fuerza. En el fondo, el inventor había diseñado el tapón perfecto: mudo y silencioso en su opresión, incapaz de abrirse, de soltar su tesoro, como algunos virgos queratinosos. (No recordaba dónde había leído eso. Seguramente en alguna revista, en el dentista o en la peluquería. Era el único tiempo del que disponía para leer.) El inventor debía de ser un tipo al que no le gustaba que las cosas se salieran de madre; pensaba que las cosas tenían que estar siempre contenidas. Atrapadas. Posiblemente, para él, la botella de lejía era un símbolo fálico. Guardar el semen, no perderlo ni malgastarlo, no derrocharlo inútilmente. Como Antonio, que hacía el amor siempre con preservativos, para evitar la paternidad. Ella hubiera jurado que, sin embargo, Antonio miraba con cierta nostalgia el líquido seminal que expulsaba el inodoro: quizás lamentaba el desperdicio. El semen siempre olía un poco a lejía. Y Andrés estaba llorando. Patricia iba a tomar una decisión: abandonaría el frasco de lejía con su tapón hermético, indestructible. Lo dejaría sobre la mesa, luciendo su virginidad impenetrable y olvidaría el incidente. La última vez que había llorado por algo semejante fue cuando las tuberías se atascaron. Nadie la había enseñado nunca el funcionamiento de las tuberías: ni en la escuela, ni en la Universidad de Ciencias Empresariales. Y las tuberías del edificio donde vivía se atascaron en su ausencia, a traición, mientras estaba en la oficina. Ella había regresado ingenuamente a su hogar, como todos los días, sin saber que, al abrir el grifo, las tuberías iban a estallar. Sin previo aviso. De pronto, de las entrañas del edificio empezaron a salir líquidos extraños, malolientes, turbulentos y de colores sórdidos. Ella no entendía qué estaba pasando. Había alquilado el apartamento recientemente, y por un precio que de ninguna manera se podía considerar una ganga. Y ahora, de pronto, parecía que el apartamento se desgonzaba, que se licuaba en sustancias repugnantes, como ese cuadro, *Europa después de la lluvia*, que había visto en una exposición. Quiso pedir ayuda por teléfono, pero la voz automática de un contestador le contestó que, por un desperfecto de las líneas de la zona, lo lamentamos mucho, las comunicaciones telefónicas están interrumpidas. Y el agua avanzaba por los suelos. Se echó a llorar, sin saber qué hacer. Entonces, aunque nadie lo esperaba, apareció Antonio, el padre de su hijo. Aparecía y desaparecía sin aviso, era una forma de dominación, pero ella no se lo había reprochado nunca. «Todo no se puede decir», observó el psicoanalista, en una ocasión, pero Patricia penaba que, con Antonio, *nada* se podía decir. Era muy susceptible. Antonio entró con su llave

(que nunca le había querido devolver: insistía en que debía poseer la llave de la casa donde vivía su hijo) y la vio llorando, en medio de la sala, mientras un agua oscura, pegajosa, corría por el suelo y amenazaba con mojarle los zapatos. Era un hombre pulcro, muy obsesivo con la ropa, y no pudo evitar un gesto de disgusto. Este gesto recrudeció el llanto de Patricia. En realidad, no tenía que importarle lo más mínimo que Antonio se ensuciara los zapatos y el bajo de los pantalones, pero se sintió inexplicablemente culpable e insegura, tuvo lástima de sí misma y continuó llorando. Él no dijo nada (echó una mirada atenta y abarcadora que comprendió toda la situación: las tuberías repletas, el suelo inundado, el llanto de Patricia, su culpabilidad e impotencia) y, luego de estudiar el panorama, se dirigió rápidamente a la cocina, a un panel oculto entre el zócalo y la pared, dentro de un cajón, y con un par de pases enérgicos, inconfundiblemente masculinos, suspendió el chorro de agua. Patricia dejó de llorar, sorprendida. El empleado que hizo las instalaciones, cuando se mudó a ese piso, le había dicho que por ningún motivo del mundo tocara esas llaves, y ella había acatado la orden tan estrictamente que las olvidó por completo.

Una vez cortado el chorro de agua, Antonio llamó al portero por el intercomunicador del edificio (que ahora funcionaba) y le pagó para que secara el agua que inundaba el apartamento. Así eran los hombres de eficaces. Satisfecho de sí mismo, se sintió generoso y la invitó a tomar un refresco, con el niño, en el bar de la esquina, mientras el portero secaba el agua del suelo. No hablaron de nada, pero él le dio un consejo. Le dijo: «No debes llorar porque una tubería se ha roto». Entonces Patricia, con mucha tranquilidad, de una manera muy serena, le arrojó el refresco a la cara, con su contenido de líquido y pequeñas burbujas de naranja. El líquido manchó la solapa del traje claro, nuevo, que él acababa de estrenar.

Ahora estaba llorando otra vez, pero no tenía a quien arrojarle la botella de lejía. Gimoteando, comenzó a vestir al niño.

—No creas que estoy llorando sólo porque el tapón de la botella de lejía no quiere abrirse —le explicó, como en un soliloquio—, sino por la sospecha que eso ha introducido en mí. Al principio, es verdad, pensé que se trataba de un fallo personal. Pensé que era yo, que no podía. Pero no se trata de mí, sino del tapón. Han fabricado un nuevo envase con fallos, han puesto las botellas en las estanterías y las hemos comprado con inocencia. Por culpa de eso se me ha hecho tarde, llegaremos con retraso a la guardería y a mi trabajo. No podré decirle a mi jefe una cosa tan simple como que el tapón de la lejía no se abría. Es un hombre muy eficaz, muy importante: carece de vida doméstica. Sólo le conciernen las

cotizaciones de la Bolsa, las guerras de mercados, las especulaciones con divisas y las campañas publicitarias. Podré decir, a lo sumo, que me retrasé por un atasco. Los atascos, hijo mío, son muy respetables. Son más respetables que un dolor de cabeza, la enfermedad de un pariente o la rotura de una tubería. Y tú —continuó Patricia, dirigiéndose al niño, pero como hablando para sí misma— no has llorado sólo porque tenías hambre. Has llorado porque el tapón de lejía no se abría, yo estaba nerviosa y dudé de mí misma.

Esa tarde, mientras conducía hasta el consultorio del psicoanalista, (todo había salido relativamente bien, a pesar del retraso), pensó que las lágrimas de las mujeres, esparcidas por la ciudad, eran un río blanco, ardiente, un río de lava, un río insospechable que circulaba por las entrañas oscuras, un río sin nombre, que no aparecía en los mapas.

—El tapón de lejía no se abrió —le dijo Patricia al psicoanalista, en cuanto comenzó la sesión— y no estoy dispuesta a perder tiempo con interpretaciones. Es un hecho: el nuevo sistema de rosca de esa marca no funciona. Llamé a la distribuidora del producto. Había recibido numerosas quejas. El nuevo tapón fue diseñado por un ingeniero industrial ávido de éxito, supongo, fuerte, seguro de sí mismo, pero ha sido un fracaso. Van a retirar los envases de circulación. En cuanto a mí —afirmó Patricia con decisión—, voy a pedir una indemnización.

—¿A la fábrica del producto? —preguntó el psicoanalista, sorprendido.

—Al padre de Andrés, por supuesto —respondió Patricia—. No se hace cargo de ningún gasto. Como si el niño no le concerniera.

Cuando llegó a su casa, Patricia se dirigió directamente a la cocina. Buscó un cuchillo de punta afilada, y, sin titubeos, agujereó el tapón. Lo perforó por el centro con una herida limpia y perfecta. La botella perdió toda su virilidad.

Referência bibliográfica

ROSSI, Cristina Peri. *Desastres Íntimos*. Barcelona: Editorial Lumen, 2000.

Nota dos editores

Cristina Peri Rossi (Montevideu, 1941) é o principal nome feminino associado ao boom da literatura latino-americana dos anos sessenta. Exilou-se na Espanha

em 1973, onde vive até hoje. No Brasil, teve apenas publicada a coletânea de contos *Espaços íntimos*. Sobre o papel das tradutoras, disse, em entrevista recente: “Se hoje se estuda e se conhece a obra das mulheres escritoras, não é graças à crítica, mas às estudiosas feministas das universidades e ao trabalho de tradutoras”¹.

1 Cf. Entrevista a Sylvia Colombo. In: COLOMBO, Sylvia. Coletânea de contos da uruguaia Cristina Peri Rossi é lançada no Brasil. *Folha de São Paulo*, 25 de novembro de 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1937996-coletanea-de-contos-da-uruguaia-cristina-peri-rossi-e-lancado-no-brasil.shtml>>. Acesso em: mar. 2018.